

O Saneamento de Valença Explicado para Você

O que é esse plano e por que ele importa para você

Imagine um documento que decide, pelos próximos 35 anos, como vai chegar água limpa na sua torneira, para onde vai o esgoto da sua casa, como o lixo vai ser recolhido e o que fazer quando chove forte na cidade. Esse documento é o Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB) de Valença. Ele foi feito pela Prefeitura em parceria com a UERJ e a AGEVAP, e segue as regras nacionais que dizem que, até 2033, praticamente toda a população brasileira precisa ter água tratada e a maior parte precisa ter esgoto coletado e tratado.

Esse plano não é papelada de gabinete. Ele é o caminho real para Valença sair de uma situação preocupante — com bairros sem esgoto, estações de tratamento desativadas e ruas que alagam — e chegar a uma cidade mais saudável, mais segura e mais justa. Saneamento, no fim das contas, é saúde, é dignidade e é qualidade de vida dentro da sua casa.

Como está o saneamento hoje na cidade

Valença tem cerca de 68 mil moradores, espalhados pelo distrito-sede e mais cinco distritos: Barão de Juparanã, Santa Isabel do Rio Preto, Pentagna, Parapeúna e Conservatória. E aqui vai a primeira boa notícia: praticamente toda a área urbana já tem água tratada chegando nas casas. O problema é que essa água, em muitos pontos, chega com pressão baixa, com interrupções e com perdas enormes no caminho — quase 4 em cada 10 litros tratados se perdem em vazamentos antes de chegar ao consumidor.

Agora, a parte que preocupa: hoje, em Valença, nenhuma gota de esgoto é tratada de verdade. Todas as estações de tratamento que existiam estão desativadas ou nunca chegaram a funcionar. Isso significa que o esgoto das casas, quando existe rede coletora, acaba indo direto para os rios — principalmente o Rio das Flores, o Rio Paraíba do Sul, o Rio Preto e o Rio Bonito.

O lixo, por sua vez, é recolhido em 100% das ruas da cidade, com caminhões passando diariamente no Centro e algumas vezes por semana nos bairros e distritos. Cada morador gera, em média, 600 gramas de lixo por dia. Quase tudo isso vai parar no aterro sanitário de Vassouras, a mais de 40 km de distância — uma viagem cara e demorada, feita várias vezes ao dia. A coleta seletiva existe, mas atende só 3 em cada 10 moradores, e menos de 1% do lixo gerado é de fato reciclado.

Quando chove forte, a cidade sofre. A drenagem urbana tem buracos, está em pedaços e sem cadastro organizado. Algumas ruas têm boca de lobo, outras não, e quase ninguém sabe ao certo para onde aquela água vai. O resultado todo mundo já viu: alagamentos, lama, lixo arrastado pelas enxurradas e estradas comprometidas.

No dia a dia, isso quer dizer: criança com diarreia, idoso internado, gasto com remédio que poderia não existir, rio sujo onde os filhos não podem mais nadar.

Os maiores problemas identificados

O retrato é claro e o plano não esconde nada. Os principais gargalos de Valença são, em primeiro lugar, a ausência total de tratamento de esgoto — uma dívida histórica que afeta a saúde de todos e a qualidade dos rios da região. Em segundo lugar, as perdas altíssimas de água tratada, que encarecem o serviço e fazem falta nos momentos de seca. Em terceiro, a gestão do lixo cara e ineficiente, com caminhões percorrendo distâncias enormes até o aterro e quase nenhuma reciclagem real acontecendo. Em quarto, uma drenagem urbana frágil, sem cadastro, sem planejamento integrado e que falha justamente quando mais precisa. E, por fim, dois passivos ambientais sérios: o antigo lixão do Quirino e o bota-fora desativado, que ainda contaminam solo e água e precisam ser remediados de verdade.

Tudo isso atinge mais fortemente quem mora nos bairros periféricos, nos distritos mais distantes e na zona rural — exatamente quem mais precisa de proteção.

O que está planejado para melhorar

O plano traça metas concretas, com investimento previsto de cerca de 335 milhões de reais ao longo dos próximos anos, distribuídos entre os quatro pilares do saneamento.

Para a água, a previsão é universalizar o atendimento, reformar a estação de tratamento do Rio das Flores, construir um novo reservatório de 5 milhões de litros, trocar redes antigas, reduzir drasticamente as perdas e levar água tratada de qualidade também para as comunidades rurais por meio de poços e pequenos sistemas locais.

Para o esgoto, o plano é começar praticamente do zero e fazer certo: implantar redes coletoras em toda a área urbana, construir estações de tratamento em cada distrito (Varginha, Centro de Valença, Quirino, Barão de Juparanã, Santa Isabel, Pentagna, Parapeúna e Conservatória) e garantir que, até 2033, 9 em cada 10 casas tenham esgoto tratado de verdade.

Para o lixo, a meta é tirar gradualmente os recicláveis e os resíduos orgânicos do aterro, criando uma central de triagem para os catadores (que hoje trabalham na informalidade), implantando ecopontos em cada distrito para entrega voluntária de entulho, eletrônicos e volumosos, e construindo uma unidade de transbordo na antiga área do lixão do Quirino — que assim deixa de ser um passivo e vira solução. A meta é reciclar pelo menos 1 em cada 5 quilos de lixo seco e quase 1 em cada 5 quilos de lixo orgânico até o fim do plano.

Para a drenagem, o caminho é mapear toda a rede existente, recuperar matas ciliares dos rios, criar bacias de retenção para amortecer as chuvas fortes, fazer manutenção regular das galerias e exigir que novos loteamentos já nasçam com drenagem adequada.

Quando isso vai acontecer

O plano divide as ações em três tempos. No curto prazo, até 2027, entram as obras mais urgentes: reformas na estação de tratamento de água, início das redes de esgoto, instalação dos primeiros ecopontos, projeto da unidade de transbordo e mapeamento da drenagem.

No médio prazo, entre 2028 e 2033, está concentrada a maior parte das obras de esgoto — é nesse período que a cidade precisa, por lei, alcançar a universalização. As estações de tratamento de Varginha e do Centro entram em operação, os distritos ganham suas próprias ETEs e a coleta seletiva chega a toda a população urbana. No longo prazo, de 2034 até 2060, o foco passa a ser manter tudo funcionando bem, ampliar para áreas que crescerem, atualizar tecnologias e cuidar da operação no dia a dia.

Na prática, isso significa que uma criança que está nascendo hoje em Valença deve crescer numa cidade com esgoto tratado, rios mais limpos e ruas que não alagam.

Como o cidadão pode acompanhar e participar

Esse plano só vai sair do papel se a população cobrar, acompanhar e participar. Você pode fazer isso de várias formas. Pode comparecer às audiências públicas convocadas pela Prefeitura sempre que o plano for revisado (a cada quatro anos). Pode procurar a Secretaria Municipal de Serviços Públicos e de Defesa Civil ou a Secretaria de Meio Ambiente para tirar dúvidas e fazer denúncias de ligações irregulares, descarte de lixo em locais errados ou problemas de drenagem. Pode participar dos conselhos municipais, especialmente o de Meio Ambiente, onde a sociedade civil tem voz. E pode, no seu próprio dia a dia, separar o lixo, usar os ecopontos quando forem instalados, evitar jogar entulho em terreno baldio, economizar água e cuidar da boca de lobo da sua rua.

Sua participação não é detalhe — é o que garante que o plano vire realidade.

Em conclusão

Valença tem um caminho longo pela frente, mas tem agora um mapa claro. O Plano Municipal de Saneamento Básico mostra, com honestidade, onde a cidade está e aonde ela precisa chegar. Universalizar a água, tratar todo o esgoto, reciclar o lixo e cuidar da drenagem não são luxos — são direitos garantidos pela lei brasileira e condições básicas para uma vida digna.

Esse plano é a ponte entre a Valença de hoje e a Valença que merecemos: uma cidade mais limpa, mais saudável, mais justa e mais bonita. E essa ponte se constrói com investimento público, com fiscalização séria, com gestão competente e, sobretudo, com a participação consciente de cada morador. O saneamento é responsabilidade de todos — e o futuro da nossa cidade, também.